



## ***Humanidades Digitais na América Latina: linguagens, metodologias e práticas de análise, organização de*** **Alejandra J. Josiowicz e Naira de Almeida Velozo**

**Ana Cristina Andrade dos Santos**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5594-5826>

E-mail: [anacristina\\_acas@yahoo.com.br](mailto:anacristina_acas@yahoo.com.br)

**Milene Santos Couto**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8229-9194>

E-mail: [milenescouto@gmail.com](mailto:milenescouto@gmail.com)

Explorando o potencial de articulação entre humanidades e tecnologias digitais, o livro *Humanidades digitais na América Latina*, organizado por Alejandra J. Josiowicz e Naira de Almeida Veloso, reúne quatorze capítulos que são divididos em três partes: Abordagens teórico-metodológicas em humanidades digitais, Letramento digital e práticas de ensino-aprendizagem e Gêneros discursivos, modalidade e práticas de análise. A obra oferece um panorama abrangente e uma valiosa contribuição para o campo das humanidades digitais, mostrando como as tecnologias digitais podem ser utilizadas para a pesquisa, o ensino e a análise de fenômenos culturais.

Ao iniciar a primeira parte do livro, Juliana Marques, Suemi Higuchi, Jimmy Medeiros e Celso Castro, todos da Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostram como as humanidades digitais vêm transformando as práticas de ensino, pesquisa e tratamento de dados no acervo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Os autores chamam a atenção para a atuação coletiva e interdisciplinar da equipe na aplicação de tecnologias digitais; a contribuição dos projetos de letramento digital na capacitação de pesquisadores, técnicos e alunos; e o foco no propósito de democratização do acesso ao acervo.

Partindo da perspectiva do Processamento de Linguagem Natural (PLN), no segundo capítulo, Cláudia Freitas (PUC-RJ) destaca o potencial da técnica de anotação linguística para as



Ao citar esta resenha, referenciar como: SANTOS, Ana Cristina Andrade dos; COUTO, Milene Santos. *Humanidades digitais na América Latina: linguagens, metodologias e práticas de análise, organização de* Alejandra J. Josiowicz e Naira de Almeida Velozo. **Matraga**, v. 32, n. 65, p. 352-355, maio/ago. 2025.

DOI: 10.12957/matraga.2025.91570

Recebido em: 31/10/2025

Aceito em: 08/04/2025

humanidades digitais. A autora apresenta um estudo de caso sobre representações de gêneros de personagens literários, a partir da análise de anotações morfossintáticas e semânticas de predicções humanas do *corpus* Literateca. Os resultados apontam para padrões e tendências que revelam diferenças significativas na descrição das personagens, mostrando como a linguagem pode reproduzir e reforçar vieses e estereótipos de gênero.

Sob um ponto de vista decolonial, no terceiro capítulo, Alejandra Josiowicz (UERJ) e Ammina Kothari (URI) investigam as práticas discursivas em torno das postagens com a hashtag #artificialintelligence, em português e espanhol, no Twitter. As análises do estudo visam entender como a Inteligência Artificial (IA) é integrada na vida cotidiana dos usuários do Twitter na América Latina. As autoras destacam a necessidade de pesquisas que repensem o uso da IA no Sul Global, com base nos contextos de suas comunidades e alertam para o risco de aumento de desigualdades globais em pesquisas que reproduzem discursos tecnocoloniais.

O quarto capítulo aborda como a arquitetura das redes sociais, seus mecanismos e algoritmos associados à falta de políticas e normas de regulação e ao monopólio dessas plataformas favorecem a disseminação de *fake news* na era digital. Renê Foster (UERJ) e Rodrigo Carvalho (UC) alertam que as redes sociais são um terreno fértil para a propagação de informações, sejam elas verdadeiras ou não. O estudo mostra que essas plataformas não são neutras e essa desordem informacional vem sendo tratada de forma condescendente pelas empresas de tecnologia que operam essas redes e lucram com a produção de desinformação.

Dando início à segunda parte do livro, no capítulo cinco, Janaina Cardoso (UERJ) argumenta que, no contexto da cibercultura, não basta que o professor tenha acesso e saiba usar as tecnologias, é preciso que ele desenvolva um letramento digital. Refletindo sobre o impacto da pandemia no letramento digital dos professores, a autora realiza um estudo comparativo, em relação à atuação desses (futuros) profissionais nas disciplinas de estágio de língua inglesa, antes e durante a pandemia. O estudo levanta questões sobre os desafios e aprendizados em relação às tecnologias digitais e a necessidade de uma formação crítico-reflexiva.

Ainda no âmbito do ensino, no capítulo seis, Fábio Coradini e Edméa Santos, ambos da UFRRJ, relatam a experiência de pesquisa-formação com alunos da disciplina de “Teorias e Política Curricular” do curso de Pedagogia, que ocorreu no formato de aulas-oficinas durante a pandemia e o retorno às aulas presenciais. A experiência revela como a construção de estratégias e práticas pedagógicas, que articulam atividades presenciais e virtuais, são capazes de potencializar debates e ressignificar conceitos, permitindo um aprendizado mais ativo e colaborativo na formação de professores no contexto da cibercultura.

No sétimo capítulo, Amanda Campos, Júlia Carneiro, Yasmin Vicente e Rodrigo Campos, todos da UERJ, apresentam a experiência no projeto de extensão “Oficina de espanhol para crianças” na modalidade *online*. O projeto trabalha com diferentes gêneros discursivos e interfaces digitais, visando ao desenvolvimento linguístico crítico e à participação ativa das crianças, fazendo do ambiente virtual um espaço de coconstrução de conhecimentos. As atividades do projeto também oferecem letramento digital para os bolsistas que atuam como docentes e fazem (re)pensar o ensino de línguas para crianças com o uso de tecnologias digitais.



No oitavo capítulo, Cintia Barreto (SEEDUC-RJ) discorre sobre os caminhos que a sociedade brasileira tomou com a covid-19, no que diz respeito à cultura, educação e economia. A autora destaca a cibercultura como aliada do saber e aposta na internet como ferramenta útil para impulsionar novas formas de atuação dos professores. Assim, comenta sua experiência com as novas tecnologias em suas turmas de pós-graduação (*lato sensu*) em literatura e, à continuação, defende que os professores atuem como colaboradores comprometidos com as mudanças da atualidade, em aliança com as novas tecnologias digitais.

Ana Beatriz da Matta (Colégio Pedro II/UFRJ) e Rafaela Ferreira (UFRJ) concluem a segunda parte do livro com um texto crítico sobre o projeto neoliberal de educação doméstica promovido pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, que pretendia excluir crianças e adolescentes do convívio com a diversidade existente no ambiente escolar. As autoras propõem que a sociedade discuta o tema da escolarização doméstica como um risco ao estado democrático de direito e defendem o espaço escolar como lugar por excelência em que discentes e docentes desenvolvem o pensamento crítico e partilham da diversidade.

Inaugurando a terceira parte da obra, a professora Sandra Bernardo (UERJ) discute o conceito de intericonicidade e mecanismos cognitivos em torno da peça publicitária “E o coentro levou”, da rede Hortifruti. Tendo as humanidades digitais como norte, Bernardo opta pela análise da produção publicitária multimodal, ancorando-se na semântica cognitiva e em estruturas conceptuais, em uma perspectiva sociocognitiva. A autora explica que as similaridades observadas na propaganda se dão por meio de uma projeção metafórica, dado que a metáfora está no nosso cotidiano por meio da linguagem, do pensamento e da ação.

O capítulo seguinte discute o impacto da imagem de capa da revista *Época* de 2010, com o título “Diabetes, ele vai pegar você?”. Sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, Tatiana Secundino (INES/UERJ) analisa tanto as imagens da capa como a polissemia em torno do verbo *pegar*. Considerando a metáfora como um processo cognitivo capaz de determinar como pensamos, agimos e falamos, a autora afirma que as imagens têm função para além da ilustração e que são fundamentais para imprimir sentidos. Conclui-se que o entendimento da integração conceptual passa por um processo “criativo de ideias novas em nossa mente”.

*Atotô!* Com essa saudação que referencia Omolu, orixá cultuado principalmente por candomblecistas em busca de cura, saúde e bem-estar, Leonardo de Lima (UERJ) e Viviane Caldas (SME/UERJ) apresentam um texto potente que trabalha com a conceptualização do orixá e sua importância para o candomblé. No *site* da *Google*, os autores analisam imagens do orixá, como as roupas de palha, destinadas a cobrir feridas em seu corpo, observando a relação metafórica entre “roupa” e “refúgio”, em que a roupa serviria como proteção. É significativo lembrar que o candomblé é uma religião com muitos simbolismos, em que a metáfora se faz presente nas práticas, historicamente reprimidas e discriminadas, em um contexto racista.

O penúltimo artigo da publicação explora *frames* em competição e metáforas na construção do efeito humorístico em torno da Reforma Trabalhista de 2017 no Brasil. Para as análises, Naira Velozo e Bruno Gomes, ambos da UERJ, selecionaram duas charges publicadas na plataforma virtual “Humor Político”, observando como os mapeamentos metafóricos são capazes de criar narrativas satíricas sobre as relações de trabalho implementadas pela Reforma e a concepção de

modernização dessas relações. Os autores concluem que os *frames* em competição e as metáforas em diversos níveis *offline* e *online* funcionam para construir sentidos.

Encerrando a obra, sob a perspectiva da Análise do Discurso, Rodrigo Campos (UERJ) e Jorge Paulino (SME-Maricá) discorrem sobre o conceito de autoria de samba-enredo. Em um simulacro de guerra verbal que é a “disputa de samba-enredo”, os autores argumentam que compositores anunciam e enunciam o desejo de terem suas composições eleitas para representarem suas agremiações. Sobre a autoria no digital, os autores pesquisaram, em um *site* especializado em mídia carnavalesca, como jornalistas erguem a imagem de autor na figura de apenas uma pessoa, embora obras, como sambas-enredo, sejam compostas por múltiplas vozes.

Diante do que foi apresentado, podemos notar que o livro convida os leitores a uma reflexão crítica sobre o uso de tecnologias digitais na sociedade contemporânea, abordando desafios e questões éticas que emergem desses usos e questionando a reprodução de padrões dominantes, sob uma perspectiva decolonial, transdisciplinar e antirracista. No que diz respeito aos campos de estudos da linguagem, destaca-se o potencial das humanidades digitais em pesquisas em áreas, como linguística computacional, análise do discurso, linguística cognitiva e linguística aplicada ao ensino de línguas, combinando diferentes metodologias computacionais para explorar as complexas relações entre linguagem, cultura e tecnologia na era digital. Assim, esta obra, com suas abordagens inovadoras, contribui significativamente para novas perspectivas nos estudos da linguagem.

## REFERÊNCIA

JOSIOWICZ, Alejandra J.; VELOZO, Naira de Almeida (Orgs.). **Humanidades digitais na América Latina: linguagens, metodologias e práticas de análise**. – 1. ed. – Campinas (SP): Pontes Editores, 2023.